



ABORDAGENS E PESQUISAS NA GEOGRAFIA CULTURAL: REFLEXÕES SOBRE A GEOGRAFIA LITERÁRIA NA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

■ ADRIANA CARVALHO SILVA

Doutora em Geografia. Prof.^a associada da UFRRJ-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membro da Rede de Pesquisa Entremeio e Coordenadora do GEOLIT- Grupo de Estudos em Geografia e Literatura. E-mail: adriana_carvalho@ufrj.br



RESUMO: Este texto é, acima de tudo, uma narrativa. Mais do que um relato linear de fatos, trata-se de um exercício de memória, reflexão e análise sobre a construção de uma trajetória acadêmica entrelaçada às edições do Simpósio Espaço e Cultura, promovido pelo NEPEC, na UERJ. Entre o passado e o presente, revisito momentos-chave da minha formação como professora e pesquisadora, tendo como marcos principais duas participações em mesas-redondas do evento: a primeira em 2006, no V Simpósio, e a mais recente, em 2023, no XII Simpósio. O texto tem o objetivo de estabelecer uma conexão entre o avanço do debate da geografia cultural no Brasil, possibilitada em parte por este evento que se consolida como importante fórum de debate sobre as abordagens culturais na geografia brasileira e a construção de minha trajetória acadêmica, que é representativa de uma geração que ampliou seus referenciais teóricos e metodológicos a partir da consolidação de uma rede internacional de pesquisa promovida pelo NEPEC. Como resultado temos gerações de geógrafos e geógrafas brasileiros que experimentaram novos caminhos epistemológicos em suas pesquisas e se enveredaram em programas de pós-graduação dentro e fora do país para compor o que entendemos hoje como uma renovação metodológica da geografia brasileira.

Palavras chaves: Geografia e Literatura; Simpósio Espaço e Cultura; narrativa.

APPROCHES ET RECHERCHES EN GÉOGRAPHIE CULTURELLE : RÉFLEXIONS SUR LA GÉOGRAPHIE LITTÉRAIRE DANS LE PARCOURS DE RECHERCHE

RESUMÉ : Ce texte est avant tout un récit. Plus qu'un simple compte rendu linéaire des faits, il s'agit d'un exercice de mémoire, de réflexion et d'analyse sur la construction d'un parcours universitaire étroitement lié aux éditions du Symposium Espace et Culture, organisé par le NEPEC, à l'UERJ. Entre le passé et le présent, je revisite des moments clés de ma formation en tant que professeure et chercheuse, avec comme principaux repères deux participations à des tables rondes de l'événement : la première en 2006, lors du Ve Symposium, et la plus récente, en 2023, lors du XIIe Symposium. Le texte vise à établir un lien entre l'avancement du débat sur la géographie culturelle au Brésil, rendu possible en partie par cet événement qui s'impose comme un forum important de débat sur les approches culturelles en géographie brésilienne, et la construction de mon parcours universitaire, représentatif d'une génération qui a élargi ses références théoriques et méthodologiques à partir de la consolidation d'un réseau international de recherche promu par le NEPEC. Il en résulte des générations de géographes brésiliens qui ont expérimenté de nouvelles voies épistémologiques dans leurs recherches et se sont lancés dans des programmes de troisième cycle au Brésil et à l'étranger pour composer ce que nous comprenons aujourd'hui comme un renouveau méthodologique de la géographie brésilienne.

MOTS-CLÉS : Géographie et littérature ; Symposium Espace et culture ; narration

APPROACHES AND RESEARCH IN CULTURAL GEOGRAPHY: REFLECTIONS ON LITERARY GEOGRAPHY IN THE RESEARCH TRAJECTORY

ABSTRACT: This text is, above all, a narrative. More than a linear account of facts, it is an exercise in memory, reflection, and analysis on the construction of an academic trajectory intertwined with the editions of the Space and Culture Symposium, promoted by NEPEC, at UERJ. Between the past and the present, I revisit key moments in my training as a teacher and researcher, with two main milestones being my participation in round tables at the event: the first in 2006, at the 5th Symposium, and the most recent in 2023, at the 12th Symposium. The text aims to establish a connection between the advancement of the debate on cultural geography in Brazil, made possible in part by this event, which has established itself as an important forum for debate on cultural approaches in Brazilian geography, and the construction of my academic career, which is representative of a generation that expanded its theoretical and methodological references based on the consolidation of an international research network promoted by NEPEC. As a result, we have generations of Brazilian geographers who have experimented with new epistemological paths in their research and have embarked on postgraduate programs inside and outside the country to compose what we understand today as a methodological renewal of Brazilian geography.

KEY-WORDS: Geography and Literature; Space and Culture Symposium; narrative

UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA EM CONSTRUÇÃO EM RELAÇÃO COM OS SIMPÓSIOS ESPAÇO E CULTURA ¹

Este texto é, acima de tudo, uma narrativa. Mais do que um relato linear de fatos, trata-se de um exercício de memória, reflexão e análise sobre a construção de uma trajetória acadêmica entrelaçada à recortes das edições do Simpósio Espaço e Cultura. Entre o passado e o presente, revisito aqui momentos-chave da minha formação como professora e pesquisadora, tendo como marcos duas participações em mesas-redondas do evento: a primeira em 2006, no V Simpósio, e a mais recente, em 2023, no XII Simpósio Internacional.

Minha intenção é resgatar reflexões, trocas e aprendizagens acumuladas em recortes temporais ao longo de mais de duas décadas de participação nesse importante fórum promovido pelo NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço e Cultura. Nessa jornada, estive presente como ouvinte, apresentadora de trabalhos, coordenadora de Grupos de Trabalho e em dois momentos significativos, compondo mesas que sintetizavam inquietações e avanços no campo da geografia cultural.

Estou convicta da importância de estabelecer conexões entre a consolidação desse campo no Brasil — fomentado, em grande parte, pelas atividades do NEPEC — e minha própria trajetória acadêmica, que compartilha marcos comuns com a de uma geração de geógrafos e geógrafas. Compomos um grupo que ampliou seus referenciais teóricos e metodológicos ao se engajar em redes nacionais e internacionais de pesquisa e intercâmbio, motivado por professores e pesquisadores no Brasil que fundaram grupos de pesquisa que impulsionaram os estudos de geografia cultural e humanista no

¹ Este texto tem como referência a minha participação no XII Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura 2023, realizado pelo Nepec (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) na UERJ, em mesa intitulada Abordagens e Pesquisas na Geografia Cultural. Compunham a mesa comigo os geógrafos Paulo César Gomes, Ângelo Serpa e Eduardo Marandola, referências importantes na minha formação enquanto geógrafa e pesquisadora do campo da geografia humanista cultural.

Brasil, como o NEER² e o GHUM³, por exemplo, conforme aponta Paul Claval (2011), sendo o Simpósio Espaço e Cultura, fruto do NEPEC⁴, a expressão máxima desse movimento. Neste contexto, o Simpósio Espaço e Cultura se consolida como importante fórum de debate sobre as abordagens culturais na geografia brasileira. Como resultado temos gerações de geógrafos e geógrafas que, como eu, experimentaram novos caminhos epistemológicos em suas pesquisas e se enveredaram em programas de pós-graduação dentro e fora do país para compor parte do que entendemos hoje como uma renovação metodológica da geografia brasileira.

Como forma de materializar essas conexões, optei por uma abordagem não linear, entrecortada por episódios, encontros e momentos significativos, privilegiando a emoção da narração. Ao longo deste texto, escolho resgatar na memória fragmentos de diferentes edições do evento, entrelaçados a aspectos pessoais e acadêmicos. Começo este percurso com uma memória cara: minha participação, meses após defender a dissertação de mestrado, em uma das mesas do V Simpósio Espaço e Cultura, em 2006.

² O NEER – Núcleo de estudos em Espaço e Representações tem início no ano de 2002, quando se deu o encontro dos professores Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUC-MG), Sylvio Fausto Gil Filho (UFPR) e Salete Kozel (UFPR) no V ENANPEGE (Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia) realizado em Florianópolis. <https://neer.com.br/>

³ O GHUM (Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural) é um grupo de pesquisa fundado em 2008 para promover e difundir as perspectivas humanistas e culturais na geografia no Brasil. Liderado inicialmente pelo Prof. Werther Holzer (UFF) e Prof^a. Livia de Oliveira (UNESP), ele se tornou uma rede de pesquisadores e grupos de outras instituições a partir de 2016. O GHUM organiza eventos, publica a revista Geograficidade: <https://periodicos.uff.br/geograficidade>. <https://geografiahumanista.wordpress.com/>

⁴ O NEPEC, criado em 1993, sob coordenação da professora Zeny Rosendahl na UERJ, consolidou-se como um núcleo ativo de produção e difusão da geografia cultural no Brasil. Em 1995 foi lançado o periódico *Espaço e Cultura*, com dois números por ano, sendo o instrumento de divulgação da produção do núcleo e de outros geógrafos. Entre os membros do conselho consultivo da revista estiveram, entre outros, “Marvin Mikesell, Denis Cosgrove, Paul Claval, representantes, respectivamente, da perspectiva saueriana, da denominada nova geografia cultural e da visão francesa em geografia cultural” (Corrêa&Rosendahl, 2005, p.99).

2006: Um marco inaugural — a mesa sobre Geografia, Literatura e Música

O ano era 2006. Eu havia defendido minha dissertação de mestrado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulada *O espaço carioca no olhar de Lima Barreto: um estudo da interação Literatura-Geografia*, sob orientação do professor Ruy Moreira. Poucos meses depois, recebi com imensa alegria o convite para compor uma mesa no V Simpósio Internacional Espaço e Cultura. Era uma edição importante, pois era a primeira vez que o evento assumia oficialmente o caráter internacional.

A mesa da qual participei discutia as interações entre Geografia, Literatura e Música. Ao meu lado estavam dois colegas também recém-mestres pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): Frederico Roza Barcellos, autor da dissertação *Espaço e lugar: o olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX*, e Maria Amélia Vilanova Neta, com a dissertação *Geografia e Literatura: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife*. Ambos foram orientados pelo professor Roberto Lobato Corrêa, figura central na consolidação da geografia cultural no Brasil.

As falas daquela mesa se estruturaram a partir das experiências de pesquisa que tínhamos construído até então. Frederico e eu trabalhamos com abordagens humanistas ao interpretar as obras de Machado de Assis e Lima Barreto, respectivamente, recorrendo aos conceitos de espaço e lugar do geógrafo Yi-Fu Tuan para guiar nossas leituras dos romances e crônicas. Maria Amélia, por sua vez, já sinalizava uma abertura a caminhos epistemológicos mais variados, e trouxe à discussão a abordagem dialógica de Marc Brosseau, especialmente sua análise do romance *Manhattan Transfer*, de John dos Passos, em sua tese de doutoramento na França, que não havia tradução ainda no Brasil.

Oportunamente, os textos de Brosseau — particularmente dois capítulos de sua tese *Des romans géographes* (1996) — seriam traduzidos e publicados no Brasil no ano seguinte, em 2007, na coleção *Geografia Cultural*, no volume *Literatura, Música e Espaço*, coordenado pelo NEPEC. Essa publicação teria impacto profundo para nossa geração, ao lado de outras traduções fundamentais. Para mim, a leitura desses textos foi tão impactante que me provocou o desafio de pensar a geografia em textos literários não descritivos em minha tese de doutoramento.

Nos dois capítulos traduzidos na coleção *Geografia Cultural*, temos importantes reflexões levantadas pelo geógrafo canadense Marc Brosseau, que alertava para o risco de reduzirmos a relação entre geografia e literatura a uma perspectiva instrumental do texto literário, através da qual sua importância não estaria em sua estrutura, mas nas relações que esta faz com a realidade, limitando assim a natureza dessa relação a um caráter meramente instrumental da literatura pela geografia. Tal condição nos serviria a funções variadas: da literatura configurada como de fonte de informações, a de recolocar o homem e sua experiência espacial no foco ou, ainda, para criticar o status quo por uma melhor justiça social. (BROSSEAU, 1996). Outro destaque é a reflexão metodológica que o autor propõe, sugerindo outras chaves de análises para os romances a partir do método dialógico. Diferentemente de uma interpretação do texto em sua totalidade, a proposta de Brosseau (1996) é de uma compreensão dos espaços e dos lugares no texto, de forma não estandardizada, a partir do método do diálogo. De acordo com esta perspectiva, para que o diálogo seja estabelecido, o romance não deve ser tratado como um objeto, mas como um outro sujeito, visto que um diálogo só pode ocorrer entre dois sujeitos. O romance, segundo Brosseau, apresenta uma forma específica: ele não é um discurso científico, logo não diz a mesma coisa e nem apresenta a mesma forma pretendida num discurso acadêmico.

Por isso, ele não pode ser tratado como uma ferramenta, mas deve ser respeitado em sua especificidade. As contribuições não param por aí, em muitas outras publicações que se seguiram, Brosseau alerta para a geografia em textos não descritivos e para escolhas metodológicas variadas na relação com a literatura.

O impacto da coleção *Geografia Cultural* e da Revista *Espaço e Cultura*

Os periódicos têm sido as principais fontes de divulgação dos novos olhares sobre a literatura no Brasil e no mundo. Tanto a revista *Espaço e Cultura* quanto a coleção de livros *Geografia Cultural* (que surge em 1996), ambas coordenadas pelo NEPEC, foram fundamentais para a formação de uma nova geração de pesquisadores que se dispunham a investigar a perspectiva cultural na ciência geográfica no Brasil. A série de livros *Geografia Cultural* tem uma difusão mais ampla do que o periódico. Trabalhos completos de geógrafos brasileiros e coletâneas de importantes textos publicados originalmente em outra língua que a portuguesa (até então inacessíveis ao público brasileiro), e textos procedentes de simpósios organizados pelo Nepec estão na coleção que possui dezenas de livros publicados. O trabalho dos professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa na consolidação de uma base teórica para a geografia cultural brasileira, conforme relatado por eles (2005), não se configura como uma iniciativa isolada. Os autores destacam a existência de outros núcleos autônomos em que a geografia cultural é praticada por diversos geógrafos: "São universidades públicas que têm um programa de pós-graduação em geografia, entre elas as de Goiânia, Fortaleza, Uberlândia e outras universidades na cidade do Rio de Janeiro." (Ibidem). Vejamos algumas das contribuições da coleção *Geografia Cultural* destacadas por Zeny Rosendhal e Roberto Lobato Corrêa:

Entre os inúmeros textos traduzidos e publicados citam-se os de Carl Sauer (1998, 2000 a, 2000 b), incluindo o clássico *The Morphology of Landscape*, de 1925. A geografia cultural da Escola de Berkeley está ainda representada com a introdução de *Readings in Cultural Geography*, de Wagner e Mikesell (2000). A denominada nova geografia cultural, por sua vez, está presente com textos referentes às críticas à Escola de Berkeley, como os de Duncan (2002) e Cosgrove (1997). Cosgrove e Jackson (2000), Cosgrove (1998, 2000) e Duncan (2000) apresentam os aspectos fundamentais da geografia cultural renovada. Meinig (2002) foi incorporado à língua portuguesa pelo seu texto sobre as dez versões de uma mesma paisagem. A contribuição a uma perspectiva marxista da geografia cultural levou à tradução do texto de Williams (2002) sobre base e superestrutura, assim como ao polêmico artigo de Mitchell (1999), seguido das réplicas de Cosgrove, Duncans e Jackson e da tréplica do próprio Mitchell. A geografia francesa, de forte influência na geografia brasileira, teve traduzidos, entre outros, textos de Sorre (2002), sobre os “genres de vie”, Gallais (2002), a respeito do “espace vécu” nos países tropicais, de Bonnemaïson (2002), sobre o conceito de território, assim como pequenos textos extraídos do debate, publicado em 1981, na revista *L'Espace Géographique*. (Corrêa & Rosendahl, 2005, p.99)

Na série de publicações comemorativas pelos dez anos da *Revista Espaço e Cultura*, o editorial dos números 19–20, de 2005, informa ao leitor que os simpósios realizados em 2000, 2002 e 2004 promoveram uma mesa-redonda intitulada *Matrizes da Geografia Cultural*, cujas palestras foram posteriormente compiladas em diferentes publicações. No ano de 2000, foram debatidas as contribuições de Carl Sauer e da Escola de Berkeley, Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, além do papel da nova Geografia Cultural e das relações entre espaço, economia e cultura. Em 2002, a temática foi aprofundada e, em 2004, discutiram-se as obras de Augustin Berque e Otto Schütter.

É inegável o valor formativo que tais eventos e publicações possuíam. Em 1999 eu havia concluído a graduação em geografia tendo apresentado o TCC com o título *A Reforma Passos e o olhar de Lima Barreto* (Silva, 1999). O meu olhar geográfico buscava na literatura de Lima Barreto o engajamento político da literatura militante anunciada pelo escritor, por isso eu priorizava buscar a representação fiel do espaço real nos textos produzidos por ele durante a Reforma Passos, no entendimento que o texto era resultado da interpretação de Lima Barreto enquanto sujeito social. Foram influências marcantes para mim a perspectiva de geografia histórica de Maurício Abreu (1987) sobre o Rio de Janeiro, de Lysia Bernardes e Teresinha Segadas (1995) e de historiadores como Lamarão (1991), Resende (1993) e Sevcenko (1993), entre outros. A temática da Geografia e Literatura não era muito comum nos estudos geográficos ainda. Durante o período desses três simpósios entre 2000 e 2004 eu lecionava na escola básica com a intenção de me preparar para ingressar no mestrado em Geografia na UFF com a intenção ampliar o olhar analítico sobre as obras de Lima Barreto. Meu ingresso no mestrado foi em 2003.

No Simpósio de 2004 lembro com nitidez da exposição que ouvi do professor Paulo César Gomes (com quem tive o privilégio de compartilhar a mesa em 2023): *Versalhes não tem banheiros! As vocações da geografia cultural*. A analogia apresentada entre os processos históricos e sociais que explicariam a ausência de banheiros em Versalhes e as mudanças na concepção e vocação de Geografia Cultural no Brasil e no mundo, provocou reflexões acerca da diversidade do campo científico e de perspectivas epistemológicas variadas, o que Paul Claval vinha chamando de Nova Geografia Cultural, levando à afirmação de que não se pode compreender a organização do espaço se não levarmos em consideração o contexto cultural e de que a Geografia Cultural que estava em produção seria possuidora de uma projeto epistemológico próprio e não

apenas uma “tendência” dentro da Geografia Humana. O professor Paulo César Gomes chamava atenção para as diversas publicações de Paul Claval (1997, 1999, 2005) e para o conjunto de palestras que compuseram as mesas sobre as Matrizes da Geografia Cultural nos anos anteriores, por exemplo.

Nesse momento eu cursava o mestrado em Geografia e me via diante de possibilidades variadas de enxergar o texto de Lima Barreto na tentativa de fazer uma análise geográfica de sua obra. A perspectiva do olhar marxista na geografia cultural levava a enaltecer a figura do escritor como sujeito, representante de uma classe social desfavorecida e atravessado por questões raciais que o faziam denunciar o racismo e as mazelas que sofriam a classe trabalhadora. Ao mesmo tempo eram caras para mim as perspectivas do romance como representação (Lefebvre 1974, 1979, 1980), que levava em consideração a concepção do espaço a partir da tríade de Lefebvre em *A produção do espaço* (espaço vivido, concebido e percebido), enaltecendo-o enquanto elemento carregado de simbolismos e possibilidades como a de pensá-lo enquanto fruto de uma experiência espacial, como manifestação do espaço vivido ou, ainda, pelo viés que valorizaria o sentimento topofílico do autor pelo lugar, valorizando as contribuições de autores referência da geografia humanista, como Pocock (1981, apud Holzer, 2008) e Yi Fu Tuan (1976, apud Holzer, 2008). Até aqui ainda não havia sido possível para mim acessar as contribuições dos textos franceses, como por exemplo o de Marc Brosseau, que seriam traduzidos pela coleção Geografia Cultural somente em 2007.

A dissertação foi concluída em 2005 e a perspectiva metodológica mais marcante na pesquisa foi aquela que via o romance como uma forma de “dizer a cidade” pelo conteúdo geográfico evidenciado diretamente no texto. O elo entre a arte, expressa no texto literário, e a ciência geográfica se manteve bem próximo da ideia do discurso literário como um instrumental para a apreensão do espaço geográfico e

embora eu tivesse consciência de outros caminhos epistemológicos a partir das leituras que vinha acompanhando, não era fácil romper ainda com uma perspectiva utilitarista.

Do V ao XII Simpósio: caminhos de uma geografia literária

No ano de 2006, quando aconteceu o V Simpósio Internacional Espaço e Cultura, mais de 20 números do periódico de mesmo nome já haviam sido editados. Neste mesmo ano o IBGE lança o primeiro volume do Atlas das Representações Literárias no Brasil e minha colega de mesa do V Simpósio, Maria Amélia Vilanova Neta, ingressa no IBGE como geógrafa e compõe a equipe de elaboração do Atlas literário. É ela quem me fala da metodologia empregada no projeto, baseada no autor Osman Lins, professor universitário no curso de Letras e escritor romancista, que desenvolve o conceito de *ambientação* em sua tese de doutoramento, *O espaço romanesco de Lima Barreto*. O conceito de *ambientação*⁵ e a ideia de selecionar escritores que viveram nos espaços representados em suas obras marcaram as escolhas metodológicas da instituição na elaboração dos Atlas, que chegou ao seu 4º volume em 2021, com o tema Costa brasileira. O conceito de *ambientação* foi importante para mim na compreensão do espaço romanesco nos romances machadianos para além das referências topográficas que Machado podia anunciar (e que nesse caso eram quase ausentes em Dom Casmurro, por exemplo).

Estavam reunidas as condições para elaboração e apresentação no final de 2007 do meu projeto de doutoramento em Geografia. Em 2008, sendo doutoranda em

⁵ “Por *ambientação*, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a *ambientação*, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa” (LINS, 1976, p. 77). Lins, diferencia três tipos de *ambientação* (a franca, a reflexiva e a dissimulada), ou seja, três modos de articular espaço e ação, que normalmente vão se intercalar para compor um romance, defende que a *ambientação* às vezes requer uma atenção redobrada do leitor, pois o espaço pode nascer “dos gestos e ações da personagem” (LINS, 1976, p.83).

Geografia pela UFF- Universidade Federal Fluminense, o desafio traçado era debruçar-me sobre a obra de Machado de Assis para analisar pela ótica da geografia obras que não possuíam um caráter descritivo e que, ainda assim, despertavam interesse de geógrafos. A descrição das paisagens, aspecto bastante apreciado pela geografia num texto literário nos levou por muito tempo a uma valorização das obras realistas do século XIX como potencializadoras transcrições do espaço real. Contudo, o campo epistemológico da Geografia cultural foi se ampliando. Fervilhavam em mim as leituras de Yi Fu Tuan (1980, 1983), Paul Claval (1974, 1984, 1987), Cosgrove (1989), Berque (1984) e Bakhtin (1993), entre outros, muitos deles apresentados pelas publicações do NEPEC. Neste momento, me atravessaram particularmente a publicação daqueles dois capítulos da tese do geógrafo Marc Brosseau (2007) na coleção Geografia Cultural, os estudos sobre Bakhtin que valorizam a perspectiva do autor enquanto sujeito, como o homem que fala, além do conceito de *cronotopo*. Convém destacar também a influência do geógrafo e professor Augusto Figueiredo Monteiro, figura consagrada que esteve como palestrante em um dos simpósios do NEPEC, autor do importante livro *O mapa e a Trama* (2002), uma coletânea de textos que se apoiavam sobretudo em uma perspectiva da geografia humanista cultural e que representavam com ineditismo exercícios variados de análise geográfica de importantes autores e obras da literatura nacional.

Apresentei no projeto de pesquisa do doutorado a hipótese de que os conceitos de *espaço* e *lugar*, de Yi Fu Tuan, pelo viés de uma geografia humanista, poderiam encontrar representação, respectivamente, nas crônicas e romances de Machado de Assis, as crônicas sendo a representação dos espaços externos e públicos e os romances uma representação dos espaços mais intimistas. A hipótese obviamente não se confirmou! No decorrer da pesquisa, as aproximações com perspectivas dialógicas

apontaram que as estratégias narrativas machadianas não diferenciavam segundo o gênero narrativo, eram apenas portas de entrada diferentes para o mesmo estilo. Machado de Assis, o bruxo do Cosme Velho, não facilitaria as coisas para uma jovem geógrafa! No entanto, como tantas vezes acontece na pesquisa, foi justamente nesse desvio que a investigação se aprofundou. Novos caminhos se abriram. Era hora de cruzar fronteiras — e a França me esperava.

Na trilha de uma perspectiva dialógica: a experiência na França e a defesa da tese

Os anos que se seguiram foram intensos, aprendi francês, parti para a França em 2010 com bolsa de doutorado sanduíche⁶ durante o período inicialmente previsto de 12 meses para aprofundar naquele país os estudos do que vinha se desenhando como uma “geografia literária”. Essa mudança representou não apenas a busca por novos conhecimentos, mas também um mergulho profundo em um universo cultural e acadêmico distinto, capaz de ampliar minhas perspectivas enquanto pesquisadora. No entanto, a trajetória acadêmica não se faz isolada dos acontecimentos da vida. Em se tratando de uma narrativa, cabe lembrar que fui atravessada de forma inesperada pela gestação e chegada do meu filho durante a minha estadia na França. Esse acontecimento trouxe à tona os desafios de conciliar a construção de uma pesquisa rigorosa com as exigências da maternidade, especialmente no contexto ao qual o universo acadêmico reserva às mães pesquisadoras⁷. A todo momento somos tocados pelas experiências que compõem nossa visão de mundo e isso inclui o modo como nos

⁶ Fui recebida na França na Université de Toulouse Le Mirail, em Toulouse, pelo professor Jean Pierre Wolff, especialista em urbanismo e ordenamento territorial de março de 2010 a junho de 2011.

⁷ Vale ressaltar que em 2011 foi o ano em que a Capes, por meio da portaria nº248, passou a acolher as pesquisadoras que se tornaram mães durante a vigência da bolsa de pesquisa com um prazo de extensão de 4 meses no prazo final de vigência da bolsa e que fui contemplada por essa medida.

posicionamos como geógrafos e geógrafas diante dos desafios e possibilidades em nossa trajetória.

Na França pude experienciar uma relação da Geografia com a Literatura mais fecunda no ambiente acadêmico do que tínhamos no Brasil. Naquela época ainda não tínhamos tantos periódicos e publicações em linha e o contato com as bibliotecas das universidades francesas foi fundamental para a pesquisa bibliográfica, além da participação em eventos acadêmicos⁸ ligados à temática da geografia e literatura na Université Toulouse Le Mirail e na Université de Pau et des Pays de L'Adour. Nesses ambientes participei de aulas sobre literatura francesa, fui recebida e convivi com professores e pesquisadores com destaque no campo de construção de uma geografia literária (com destaque para Vincent Berdoulay, Xavier Arnauld de Sartre e Geraldine Molina, entre outros). Foram essenciais o aprofundamento nos estudos acerca das teorias sobre o discurso, da linguagem e da narrativa nas obras de Todorov (1977, 1987, 1991), que proporcionaram um diálogo produtivo com o campo das Letras, além das reflexões sobre as contribuições dos estudos bakhtinianos (1993) sobre narrativa (na ideia de considerar a *voz* no romance e o autor como *sujeito* que fala) e cronotopo (a ideia de que tempo e espaço são elementos indissociáveis no texto). Esse percurso reflete a influência da abordagem adotada por Marc Brosseau em sua tese, quando ele

⁸ Entre os encontros e seminários dos quais participei apresentando comunicação ou como ouvinte cabem destaques para: 1. Colloque Deuxième Rencontre Franco-Espagnoles Géographie, Langue et textes littéraires : regards croisés sur L'imaginaire géographique, nos dias 10 e 11 de junho de 2011, na Université de Pau et de pays de L'Adour, na cidade de Pau, ocasião em que apresentei a comunicação La perception de Rio de Janeiro par Machado de Assis a la fin du XIXème siècle à travers le tramway. 2. Colloque International Lire les ville : panoramas littéraires du monde urbain contemporain, nos dias 16 e 17 de junho de 2011, na Université François Rabelais, na cidade de Tour.

analisa quatro romances utilizando caminhos metodológicos distintos para pensar o espaço romanesco⁹.

Concluí o doutorado em 2012 no Brasil com o título *O Rio de Janeiro em Dom Casmurro: Literatura como representação do espaço*. Em relação ao entendimento sobre a “geografia literária” na tese, cabe destacar algumas influências que me levaram a considerar o espaço no romance *Dom Casmurro* a partir das estratégias narrativas e simbologias presentes no texto, ou seja, mais pela *chora* do que pelo *topos*¹⁰, num movimento de abandonar a busca por evidências de conteúdos geográficos explícitos no texto para buscar a geograficidade nos aspectos mais subjetivos. Essa trajetória inicia antes da viagem para a França, no contato com os professores do Departamento de Letras da UFF, Paulo Bezerra e Felipe Ribeiro (com quem cursei como ouvinte uma disciplina sobre Machado de Assis no curso de Letras), vai se consolidando ao longo do período da bolsa sanduíche como relatei anteriormente e no meu retorno ao Brasil, na

⁹ Brosseau analisa quatro romances no ensaio *Des romans géographes*, e, para cada romance, o autor utiliza o que ele chama de “porta de entrada”, isto é, uma abordagem diferente e própria para analisar a obra, “En un sens, c’est le texte lui-même qui nous aiguille sur les aspects qui font son originalité”. Em *Le parfum*, Brosseau privilegia a retórica da narração e o estatuto ficcional do protagonista; em *Manhattan Transfer*, ele destaca como a forma do romance sugere uma experiência urbana, ou seja, são privilegiadas a composição e a montagem do texto. Em *Les météores*, Brosseau explora a estrutura mítica, intriga e dialogismo presentes no texto estruturado pela lógica do duplo, a partir da história de gêmeos idênticos. Por último, no romance *Le Rivage des Syrtes*, Brosseau privilegia a criação de um universo imaginário, o estilo mimético (mime) e a descrição narrativa, onde a metáfora faz dialogar com os componentes do romance. Brosseau induz o geógrafo a deixar um pouco de lado a condição do romance enquanto objeto de estudo para considerar a sua posição de sujeito, junto com a geografia – Brosseau afirma que a condição essencial para que haja o diálogo é que ele seja estabelecido entre dois sujeitos –, reconhecendo, sobretudo, o romance como sendo um discurso não científico e, portanto, sem comprometimento com a utilidade.

¹⁰ Para o geógrafo Marc Brosseau (2008, p.426), a ausência de descrição dos lugares não é um obstáculo intransponível à análise geográfica das representações de espaço nos textos literários. Ele garante que, nesse caso, é preciso procurar o espaço por outras pistas. Recorrendo à distinção que Berque (2000) estabelece entre topos e chôra, Brosseau argumenta que os geógrafos sempre voltaram suas atenções nos textos literários para o espaço enquanto topos “le lieu observable, décrit, représenté, senti et perçu qui renvoie à un point précis d’un territoire donné” (BROSSEAU, 2008, p. 424), valorizando as passagens descritivas de um espaço preciso, localizável. Tomando a definição de Berque, Brosseau faz a seguinte distinção: “la chôra se distingue du topos dans la mesure où elle possède un ‘caractère attributif’: ce qui ‘implique souvent la pertinence, l’appropriété du lieu à un certain être’ (BROSSEAU, 2008, p. 425 apud BERQUE, 2000, p. 20). Brosseau adverte que, mesmo quando os geógrafos literários querem dar conta de identificar as múltiplas significações e valores atribuídos aos lugares ou às relações entre os espaços e os personagens, numa lógica que ele lembra estar mais associada à ideia de chôra, o desejo do topos é dominante.

conversa com Marta de Senna em 2012, pesquisadora da Casa de Ruy Barbosa e estudiosa da literatura machadiana (para quem Machado de Assis é possuidor de uma narrativa própria que ela identifica como *estratégia de embuste*) e no encontro com o grupo de Estudos da Paisagem da professora Ida Alves (departamento de Letras da UFF) que me apresentou ao professor Michel Collot (COLLOT & ALVES, 2012) na ocasião em que ele promoveu um curso de curta duração no Brasil, em outubro de 2013, chamado *Tendances de la Géographie littéraires*¹¹.

A descrição topológica e a localização dos espaços nos romances de Machado, em correspondência com os espaços reais da cidade, não são suficientes para dar conta da complexidade que a dimensão espacial da obra machadiana comporta. Os espaços nas obras de Machado podem ser melhor analisados geograficamente se considerarmos o conjunto das obras e suas especificidades. A dimensão espacial de um romance como *Dom Casmurro* não se limita somente às páginas do livro, ela se comunica com o conjunto da obra. O Rio de Janeiro de *Dom Casmurro* corresponde ao espaço cotidiano e turbulento da crônica, à cidade espaço especulativo de Cristiano Palha, em *Quincas Borba*, e, também, ao espaço dos emergentes Natividade e Santos, pais dos gêmeos, em *Esaú e Jacó*, romance que surgirá somente em 1904. Para nós, fazia sentido investigar como a espacialidade se apresenta em um texto construído pelo recurso da intertextualidade. Como realizar uma análise geográfica de um texto elaborado a partir do diálogo com outros textos, remontando outras escalas temporais e espaciais? O que dizer de *Dom Casmurro* que, segundo Marta de Senna (2008c), é o romance no qual

¹¹ Para Michel Collot, esta evolução das práticas e formas da escrita na aproximação entre os campos da Geografia e da Literatura atesta a favor de uma melhor integração da dimensão espacial nos estudos literários em três níveis distintos, porém complementares: aquele de uma geografia literária, que estudaria o contexto espacial no qual as obras são produzidas, que se situaria no plano geográfico, histórico, social e cultural; aquele de uma geocrítica (*géocritique*), que estudaria as representações do espaço no interior do texto, se situando mais sobre o plano do imaginário e da temática; e ainda aquele da geopoética (*géopoétique*), que estudaria a relação entre o espaço e as formas e gêneros literários, que poderia levar a uma teoria da criação literária (COLLOT, 2011:8).

Machado mais se utiliza desse recurso linguístico, que ela chama de “uma estratégia de embuste” para se referir ao narrador enganoso. Tais inquietações me fizeram defender a tese de que *Dom Casmurro* é, como o narrador afirma de um jeito aparentemente despretensioso, um livro sobre o subúrbio! O meu olhar geográfico usou essa chave analítica, deixando o singelo convite, ou melhor, uma das pistas do bruxo do Cosme Velho: (re)leiam a primeira página e o último parágrafo do livro *Dom Casmurro* com atenção antes de negarem essa possibilidade!

Juntando duas pontas no Engenho Novo

Não é o objetivo desse texto fazer uma comparação metodológica entre as abordagens sobre os estudos de romances de Lima Barreto e de Machado de Assis feitos respectivamente no mestrado e no doutorado. Contudo cabe o levantamento de um aspecto à título de reflexão (como as duas obras abordam o subúrbio e a Freguesia do Engenho Novo) com o objetivo de situá-los no panorama do que desenvolvi como pesquisa (tema gerador da mesa do Simpósio em 2023). Para isso é preciso fazer algumas digressões. Vou começar juntando duas pontas, *Clara dos Anjos* (romance que me levou ao simpósio do NEPEC de 2006) e *Dom Casmurro*, obra que analisei em minha tese de doutorado. Os dois romances foram gerados quase ao mesmo tempo. *Clara dos Anjos* foi escrito entre 1904 e 1905, sendo editado postumamente em 1922 e *Dom Casmurro* foi entregue em 1899, tendo sido editado em 1900), mas são representações um tanto distintas sobre o espaço urbano carioca. Dois livros que, embora distantes em estilo, dialogam profundamente em termos de ambientação e representação do espaço urbano carioca — meu principal objeto de interesse. Ambos os romances remetem à antiga Freguesia do Engenho Novo, espaço que hoje abrange

bairros como Méier, Engenho Novo e Todos os Santos, mas o fazem de maneira radicalmente diferente.

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto narra a história de uma jovem negra, moradora do subúrbio já proletarizado, vítima da estrutura racial, social e patriarcal que a circunda. Lima Barreto, escritor assumidamente militante na narrativa e morador de Todos os Santos, rascunhou o enredo do livro em anotações que fazia no cotidiano e que comporiam mais tarde o material postumamente reunido para a composição de um diário a ser publicado postumamente, o livro *Diário Íntimo* (obra que reúne notas avulsas do autor, inclusive o *Diário do Hospício*, feitas durante as internações no hospício, por alcoolismo. Lá encontramos os planos dos livros com datas, nomes de personagens, ...). Numa primeira versão do romance, pelos detalhes anotados para composição do roteiro da trama, percebe-se que Lima Barreto pretendia escrever um livro sobre a escravidão no Brasil. Depois ele resolve mudar o enredo, sem, no entanto, alterar a essência do que pretendia, que seria a de denunciar o racismo sofrido pelos negros na sociedade brasileira. Nas duas versões, a inicial e a definitiva, a personagem Clara é vítima da sua condição de mulher, negra e pobre. A história é a mesma: a jovem mulata que se deixa perder por um rapaz de condição superior à sua, branco, o qual recusa o casamento para consertar o malfeito. Na versão definitiva, Clara dos Anjos é filha de um carteiro e de uma dona de casa, moradora do subúrbio do Engenho Novo, igualmente seduzida e “deflorada” por um jovem branco de classe média do subúrbio, uma classe média decadente financeiramente.

A Rua do Ouvidor, símbolo da cidade burguesa, aparece no romance como espaço de deslocamento e exclusão para o abusador Cassi Jones: o homem branco pobre, violeiro sedutor, é descrito pelo narrador como alguém que ao chegar à Rua do Ouvidor e não se sente à vontade com aquelas vitrines de perfumes e moda, tantos

cafés e livros, sente-se deslocado, é um “ninguém”! Não cabe aqui dizer mais nada sobre o livro, talvez deixar a curiosa informação de que consta no diário de Lima Barreto a anotação sobre uma matéria de jornal à época que falava da prisão de um jovem branco, violeiro, que seduzia e deflorava donzelas de famílias pobres no subúrbio. Guardemos essa informação.

Na outra ponta está *Dom Casmurro*, um livro que também tem duas versões (tendo a primeira não passado de quatro capítulos), mas nesta comunicação só vou me referir à segunda, que é a que todos conhecemos. O livro é claramente uma intertextualidade com a obra *Otelo*, de Shakespeare¹², e trata da história de amor de Bento e Capitú iniciada em 1857, há 40 anos do momento em que se encontra o narrador, ou seja, um livro de memórias. Após explicar que o apelido Casmurro advém do fato de se manter “fechado em si mesmo”, o narrador se diz ambientado no subúrbio do Engenho Novo, na casa que é uma cópia, um simulacro, da casa da infância quando era vizinho de Capitú na rua Matacavalos, no centro do Rio (que hoje é a Rua do Riachuelo). Deixemos para outro momento as inúmeras e potentes simbologias e os recursos narrativos e as intertextualidades que fazem desse livro uma preciosidade.

Reparem que *Clara dos Anjos* e *Dom Casmurro* fazem menção ao Engenho Novo, mas são portadoras de representações muito diferentes acerca do ordenamento territorial urbano. Em Lima Barreto a análise geográfica da obra privilegiou as referências aos espaços reais presentes no texto ficcional e a posição que assumia Lima Barreto enquanto uma voz portadora de denúncia das condições sociais e econômicas, com valorização do contexto social em que a obra foi produzida e das representações do espaço no interior do texto e da temática, na ideia, por exemplo, do que podia representar a Rua do Ouvidor num processo de modernização excludente que

¹² Ver Caldwell (2008) sobre a intertextualidade de *Dom Casmurro* com *Otelo*, de Shakespeare.

empurrava a população trabalhadora rumo a zona norte da cidade e Baixada Fluminense, num movimento de proletarização do subúrbio carioca, que ele vivenciava enquanto morador.

Já em *Dom Casmurro*, a cidade do Rio de Janeiro aparece como um espaço onde se misturam mitos, lugares imaginários e reais, que se configuram no texto por meio das metáforas e intertextualidades, sem descrição topológica ou qualificação explícita sobre tais espaços. O subúrbio do Engenho Novo neste romance é mais um elemento que sustenta a estratégia de embuste do narrador não confiável. Explico melhor: a dúvida se Capitú traiu ou não traiu Bentinho encontra passagens no texto que sustentam ora a culpa ora a inocência de Capitú. A referência ao Engenho Novo como local de residência de Dom Casmurro, no cronotopo da velhice¹³, ora possui no texto passagens que sustentam a condição de isolamento de um viúvo solitário num subúrbio distante, ora se apoia em passagens que garantem que o viúvo narrador leva uma vida confortável com mobilidade (proximidade com o centro urbano) e acesso ao teatro e outras benesses (proximidade com o Jockey Club e a estação de trem que conduzia à Petrópolis), em companhia ocasional de mulheres que lhe serviam de acompanhantes, tudo isso num subúrbio que guardava ainda ares bucólicos dos casarões. Em *Dom Casmurro* o espaço romanescos nasce das estratégias narrativas e a qualificação desse espaço (de isolamento ou não) é atribuição da recepção da obra, quando o leitor ao ler o texto toma uma ou outra posição (a depender se acredita ou não na traição de Capitú e na condição em que vive o viúvo), sendo este livro reconhecidamente uma obra aberta¹⁴.

¹³ A partir do conceito de cronotopo de Bakhtin, que sugere a indissociação tempo-espaço na construção de uma narrativa, identificamos três cronotopos em *Dom Casmurro*: O da infância, quando Bentinho era vizinho de Capitú na Rua Matacavalos; o da juventude, quando Bento se casa com Capitú e vai morar na praia da Glória e, por último, o da velhice, quando Dom Casmurro vive na casa simulacro da infância na Freguesia do Engenho Novo.

¹⁴ Ver GUIMARÃES, Hélio de Seixas. O romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin Editorial – Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

As abordagens diante de um texto ficcional até então descritas desta narrativa possibilitaram escolhas diversas e variadas de metodologias empregadas em projetos de pesquisa e extensão dos quais eu participaria a partir do ingresso como professora na UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 2014.

2016: X Simpósio Espaço e Cultura, Caminhos Geoliterários e o Catete de Esaú e Jacó

Em 2016 participei do X Simpósio Internacional Espaço e Cultura apresentando o trabalho Resignificando o *Catete: Novos olhares e experiências a partir do Romance Esaú e Jacó* no GT Literatura, Música e Festividades. Há dois anos eu havia ingressado na UFRRJ como professora de Geografia e coordenava o projeto de extensão *Caminhos Geoliterários*, de Geografia e Literatura, que atuava em uma escola Estadual do Rio de Janeiro, o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. O trabalho apresentado trazia um dos percursos criados no projeto. A ideia apresentada na comunicação era a de que os conceitos de polifonia, dialogismo e gêneros do discurso desenvolvidos por Bakhtin e seus desdobramentos poderiam, por exemplo, nos indicar pistas para a análise geográfica da obra *Esaú e Jacó*, ambientada nos arredores da escola em questão. A Rua do Catete era famosa pelo conhecido episódio relatado no romance sobre a troca das tabuletas da Confeitaria de Custódio (confeiteiro que manda reformar a tabuleta fixada à porta de seu estabelecimento, a *Confeitaria do Império*, e que a recebe com a pintura nova no dia 15 de novembro, dia do golpe da Proclamação da República), um trocadilho engenhoso contido no romance *Esaú e Jacó* em alusão ao modo como se deu a Proclamação da República. No percurso com os alunos privilegiamos visitar os lugares ficcionais que o romance nos trazia. Percorremos toda a Rua do Catete,

observamos os casarios antigos que ainda guardavam as mesmas formas da época do romance, com suas datas nas fachadas denunciando que estão ali desde o século XIX, observamos que hoje possuem novas funções (são bancos, lojas de departamento, lanchonetes...) e passamos em frente ao imóvel em que morou Machado de Assis antes de se mudar para o endereço que seria o mais conhecido do escritor, o casarão do Cosme Velho. Entramos nos jardins do Palácio do Catete, observamos o casarão que pertenceu ao Barão de Nova Friburgo e que abrigou a sede do governo republicano durante tantos anos, subimos o outeiro da Glória e observamos a baía de Guanabara e o centro da cidade. Lá de cima pudemos visualizar a extensão da cidade antes dos inúmeros aterros que foram sendo feitos ao longo dos anos e, ainda, o caminho que o bonde percorria ao vir da cidade e tomar a Rua do Catete. O objetivo era refletir sobre o mundo vivido e sua complexidade em termos de organização socioespacial, que se pautam também pelo viés simbólico. Aquele era mais do que um exercício didático. Era uma prática de geografia crítica e afetiva. Líamos o Catete de Machado como um palimpsesto urbano, onde o tempo e o espaço se misturavam com a imaginação. Este relato representa um dos cinco roteiros desenvolvidos entre 2015 e 2018, tempo de ação do projeto de extensão Caminhos Geoliterários.¹⁵

2018: Outros sertões, outros subúrbios

¹⁵ Sobre os roteiros: Roteiro 1 – A Reforma Passos e o Porto Maravilha: refletindo os processos de gentrificação com os alunos do Ensino Médio; Roteiro 2 – Do Largo do Machado à Glória: Esaú e Jacó nos arredores do Colégio Amaro Cavalcanti; Roteiro 3 – Largo do Machado e Rua do Catete entre burros e bondes; Roteiro 4 – O Outeiro da Glória e a estética do Rio de Janeiro barroco; Roteiro 5 – A estética do Rio de Janeiro barroco. Para saber mais sobre os roteiros desenvolvidos no projeto, ver SILVA, Adriana C.; FONTES, Elizabeth. M.; MARTINS, Isa F. Caminhos geoliterários relatando vivências: a trajetória de um projeto de extensão. In: SANTOS, CLÉZIO; QUEIROZ, EDILEUZAD.; CARDOSO, CRISTIANE. (Org.). Experiências inovadoras em geografia. 1ed. RIO DE JANEIRO: AUTOGRAFIA, 2022, v. 1, p. 143-172.

Em 2018 participei do XII Simpósio Internacional Espaço e Cultura enquanto autora do trabalho *Representações sobre a cidade de Seropédica: outros sertões?* e coordenadora de GT *Literatura e Festa*. Apresentei com os alunos bolsistas de extensão e de iniciação científica o trabalho que buscava analisar as representações narrativas de alunos do ensino fundamental de uma escola pública em Seropédica sobre a cidade situada na região Metropolitana do Rio de Janeiro, tomando como ponto de partida os conceitos de subúrbio e de sertão a partir do que nos trazia Nelson Fernandes dos Santos (2011) sobre o subúrbio carioca em *O rapto ideológico da categoria subúrbio* e de Felipe Moura (2015) sobre sertão na tese *Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão / litoral*, tomando o referido romance de Lima Barreto. As palavras sertão e subúrbio neste contexto não estão associadas a concepções geográficas concretas e espacialmente definidas, mas a condições de periferia e proletarianização. A polissemia desses termos explorados por Santos e por Moura nos permite compreender melhor os significados que eles atribuem aos espaços geográficos. Buscamos compreender essas categorias não como recortes geográficos fixos, mas como construções simbólicas de marginalidade e invisibilidade. Subúrbio e sertão surgiam, ali, como metáforas de uma periferia múltipla, não apenas territorial, mas discursiva.

Essa perspectiva comparativa foi adotada para atravessar/analisar a representação espacial de crianças e adolescentes em uma escola na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro quando produziram narrativas sobre Seropédica. Analisamos o material proposto no colégio CAIC para duas turmas de 7º ano, perfazendo um total de 49 alunos que, ao responderem a um questionário com perguntas que indagavam o que era a cidade, o que representava Seropédica, o que mais gostavam e, ainda, o que não gostavam em sua cidade, revelaram impressões sobre o

conceito de cidade e urbanização que merecem análises mais atentas¹⁶. Nesses relatos aparentemente neutros encontramos elementos que referenciam os municípios da Baixada Fluminense como *ciudades dormitorio* e/ou lugares de ausência e esvaziamento. O que esse material nos apontou num primeiro momento foi a necessidade de pensarmos essas representações marcadas pelo contraponto *sertão x litoral* na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para discutirmos a cartografia social da metrópole carioca, as funções das cidades pequenas e médias e as diferentes noções de “periferia” na Baixada Fluminense, região estigmatizada pela pobreza e com níveis alarmantes de violência. Num segundo momento vimos possibilidade de realizar uma leitura geográfica dos indivíduos, dos grupos sociais e da sociedade utilizando como fonte a literatura e as representações dos alunos, considerando a condição de sujeito daquele que narra.

REDES QUE SE ENTRELAÇAM E TRAJETÓRIAS QUE SE AFIRMAM

Em 2023 chego ao momento gerador desta comunicação, que é o XII Simpósio Internacional Espaço e Cultura. A proposta para a mesa que integrei naquele ano era apresentar um panorama das pesquisas em desenvolvimento na interface entre geografia e literatura. Para isso, tornei inevitável este percurso reflexivo que venho compartilhando — não apenas como uma trajetória pessoal, mas como expressão de um campo em consolidação que tem forte influência sobre meus estudos.

¹⁶ Desse quantitativo, em 40% tivemos relatos em que predominam os aspectos negativos sobre Seropédica. Foram apontados problemas como falta de infraestrutura urbana (principalmente calçamento e iluminação), violência e presença de milicianos. Já 34% dos alunos preencheram essa etapa do questionário com relatos em que predominam mais os aspectos positivos, sem que, no entanto, não faltassem observações complementares do tipo “que está abandonado” ou “precisa de cuidado”. Vale salientar que os 26% restantes fizeram relatos em que predominam certa neutralidade ou imparcialidade com relação às questões propostas.

Vale destacar no panorama das pesquisas a criação do **Geolit – Grupo de Estudos em Geografia e Literatura**, criado por mim institucionalmente no meu ingresso na UFRRJ em 2014 para abrigar projetos de pesquisa e extensão das parcerias que eu desenvolveria na comunidade acadêmica e que vinham se articulando fora dela. O primeiro projeto desta fase foi o de extensão, **Caminhos Geoliterários**, que tem início em 2015 em parceria com duas professoras de literatura e língua portuguesa, Liz Garcia e Isa Martins, no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, no Rio de Janeiro. Fomos movidas pela ideia de que a cidade como conteúdo escolar no ensino médio precisava de metodologias que a considerassem como lugar de aprendizagens. A cidade do Rio de Janeiro é estudada sob muitos aspectos, no entanto os trabalhos que investigam o espaço urbano e suas representações pelo viés simbólico, cultural e artístico ainda são em menor número, ainda que seja inegável a valorização da dimensão cultural da cidade e de reconhecimento das suas formas de expressão. No âmbito do projeto procuramos refletir sobre as representações da cidade do Rio de Janeiro pelos autores literários e por nós mesmos, a partir do resgate de romances, contos e crônicas em sala de aula e de trabalhos de campo nos espaços ficcionais abordados nas obras selecionadas (como o roteiro descrito para a apresentação de trabalho no X Simpósio NEPEC em 2016). Ao aproximarmos Geografia e Literatura neste projeto nos preocupamos em pensar o currículo escolar de modo integrado, sem, no entanto, desprezar a arte em sua essência, ou trazê-la para a geografia como mero instrumento estético.

Organizamos nosso trabalho com o seguinte esquema metodológico: em primeiro nos reuníamos para selecionar autor e obra que se comunicassem com os recortes de tempo- espaço e conteúdos que desejávamos trabalhar com os alunos ; planejávamos as atividades didáticas de aproximação dos alunos com a obra literária

para que eles pudessem conhecer o escritor, sua obra e biografia; planejávamos o roteiro e sua viabilidade de implementação (fizemos trabalhos de campo à pé, de metrô, bonde ...) com apresentação prévia do percurso aos alunos. Após a saída a campo, a última etapa era a elaboração de um produto pelos alunos (tivemos exposição de fotos, oficina de escrita de crônicas, palestra com o escritor Alberto Mussa, roda de conversa, produção de um vídeo de curta metragem...). Os cinco roteiros desenvolvidos ao longo de dois anos e meio foram reproduzidos com turmas variadas do Ensino Médio.

Através do Geolit recebemos bolsas de extensão e de iniciação científica para alunos graduandos, participamos de eventos acadêmicos diversos para além do Simpósio Espaço e Cultura de 2016 e 2018, em destaque para os que tratavam das práticas de ensino em Geografia, como ENPEG - Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia¹⁷ (evento que participo desde que me graduei em geografia e comecei a lecionar em escolas públicas), além de orientação de dissertações sobre a temática relacionadas ao tema do grupo.

Entre as atividades atuais do Geolit está a formação de um grupo de estudos reunindo estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores em encontros que acontecem no formato remoto quinzenalmente aberto à comunidade acadêmica. Nas reuniões fazemos leituras de textos ficcionais e acadêmicos para pensar a relação Geografia e Literatura¹⁸.

Em 2017 destaco minha participação entre membros fundadores da **Rede Entremeio – Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura**¹⁹, que reúne

¹⁷ Destaque para o ENPEG 2022, na cidade de Salvador, onde ministrei em parceria com os professores Júlia Andrade (UERJ) e Felipe Moura (UERJ -FFP) o minicurso Literatura, Música e Ensino de Geografia: reflexões e proposições didáticas.

¹⁸ Ver a divulgação do material do grupo em:

https://www.instagram.com/geolit.uffri?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==

¹⁹ <https://redeentremeio.com.br/>

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, JUL/DEZ DE 2025, N. 53 a 58, P. 117–148.
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

professores e pesquisadores de diferentes instituições no Brasil e em Portugal (UERJ, UFG, USP, UFRRJ, UNIRIO, UFJF, UFMG, UEG, UNB e Universidade do Algarve) nas áreas de Geografia, Turismo e Letras que estabelecem relação com a Literatura em seus estudos. O objetivo de criação da rede foi reunir pesquisadores que compunham diferentes grupos de pesquisa de modo a estabelecermos um canal de trocas²⁰. As reuniões, debates e produções do grupo demonstram que as fronteiras disciplinares estão em constante negociação — e que é nesse entremeio, como sugere o nome da rede que ajudamos a criar, pela ampliação dos referenciais teóricos e metodológicos e pela abertura de novos caminhos epistemológicos para as ciências humanas. No âmbito da Rede promovemos seminários internos para estudos, encontros abertos, além da organização de duas edições dos Simpósios Internacionais do Sigeoliterart, o de 2019 e de 2024. O turismo literário e as perspectivas sobre os estudos da paisagem ampliaram nosso campo de leituras e estudos.

Essas iniciativas não surgiram isoladamente, foram resultado da ebulição criativa e crítica proporcionada pelos encontros nos GTs de Geografia e Literatura em eventos como, por exemplo, o ENANPEGE de 2011 na cidade de Goiânia/GO, encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia (ANPEGE) que culminaria na criação do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (USP/CNPq), e de onde saíram as iniciativas para a continuidade de simpósios do ocorrido em Salvador no ano de 2010. Assim nasceu o Sigeoliterart, o Simpósio de Geografia, Literatura e Arte²¹, que hoje configura um evento internacional itinerante e

²⁰ Em destaque está o Grupo Espaço, Sujeito e Existência – Dona Alzira, coordenado pelo professor Dr. Eguimar Chaveiro (UFG) que compõe atualmente uma rede de pesquisa integrada internacionalmente e que configura atualmente o Programa de Pós-graduação que mais concentra trabalhos na temática de Geografia e Literatura no Brasil. O professor Eguimar é um dos fundadores do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte juntamente com os professores Júlio Suzuki (USP) e Valéria Cristina Silva (UFG), entre outros.

²¹ Num breve resgate do nosso histórico, a primeira edição do SIGEOLITERART aconteceu em junho de 2010 na Universidade Federal da Bahia, cidade de Salvador, Bahia. O II Sigeoliterart Nacional e I Internacional ocorreu na USP, em São Paulo, no ano de 2013. Em 2015 o III Sigeoliterart Nacional e o II Internacional aconteceu na UFG, na cidade de Goiânia. O IV Sigeoliterart Nacional e III

que caminha para sua VIII edição em 2026 e, além disso, para a criação da Revista Geografia, Literatura e Arte²², abrigada na USP. Tive a oportunidade de compor a coordenação geral de dois desses simpósios ocorridos no Rio de Janeiro, com Jaqueline Elicher, colega da UNIRIO em 2019 e com Manoel Santana, colega da UERJ-FFP em 2024.

Entre as principais contribuições do Sigeoliterart, estão a implementação e consolidação das redes que nacional e internacionalmente dedicadas às temáticas interseccionais entre geografia, literatura, arte e turismo. Certamente poderíamos citar outros grupos e redes de pesquisa que se destacam no panorama de construção de uma geografia literária com caminhos epistemológicos extremamente fecundos e que possui interlocuções com membros da Rede Entremeio, como o GHUM, por exemplo, sob organização do professor Werther Holzer (que participou do Sigeoliterart 2019). Contudo, como esse artigo se detém na narrativa de uma trajetória de pesquisa pessoal, me restrinjo a selecionar os grupos de pesquisa os quais integrei.

Trabalho na universidade com a formação de professores, lecionando disciplinas de Ensino de Geografia e desde que comecei a estudar a interface entre Geografia e Literatura, a geografia escolar tomou uma posição central. Atuei por dezesseis anos na educação básica como professora de Geografia e sempre me senti instigada a pensar em metodologias de ensino de geografia que dialogassem com a literatura, em abordagens que melhor pudessem dar conta dos objetivos da geografia escolar. Nesse contexto, vou destacar apenas uma (à título de exemplificação) das parcerias que venho desenvolvendo com outras professoras e professores que se dedicam às pesquisas no

Internacional se deu em 2017, na UFGD, na cidade de Dourados. Em 2019, o V Sigeoliterart Nacional e IV Internacional ocorreu na Unirio, na cidade do Rio de Janeiro. Em 2022, o VI Sigeoliterart Nacional e V Internacional ocupou a UEG- Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, cidade de Goiás. Em 2024, o VII Sigeoliterart Nacional e o VI Internacional ocorreu na UERJ- FFP, na cidade de São Gonçalo e na UFRRJ- CPDA, na cidade do Rio de Janeiro.

²² <https://revistas.usp.br/geoliterart>

campo do Ensino ligadas à dimensão cultural e simbólico do espaço. Com Geny Guimarães, professora do Colégio CTUR- Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, estudiosa do campo das Geografias Negras e de literaturas negras, ressaltamos a parceria na Residência Pedagógica e num projeto do CNPq sobre a produção de materiais didáticos para o ensino de Geografia²³. Desenvolvemos em 2023 com alunos licenciandos em Geografia pela UFRRJ um material didático para o Ensino Médio apoiado no livro *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus.

Baseados numa perspectiva humanista da Geografia, entendemos que *Diário de Bitita* é a narrativa cotidiana de Carolina sobre sua experiência histórica negra no Brasil pós-abolição. Na atividade didática, agrupamos os capítulos do livro por temáticas semelhantes, ou seja, aspectos relativos à família, ao trabalho, a estrutura social, aos lugares e deslocamentos espaciais. Nosso objetivo foi diversificar atividades pedagógicas e trazer temáticas que a Geografia vem se dedicando nas últimas décadas (recortes raciais negros afirmativos, perspectivas feministas e feministas negras, dentre outras corporeidades espacializadas) com olhar diferenciado e pensamento espacial, produzindo um material a ser utilizado no Ensino Médio que relacionasse a literatura de Carolina com saberes geográficos. A turma de licenciandos foi dividida em grupos e o livro em 4 blocos de capítulos com as temáticas que seus títulos sugeriam. O primeiro bloco tratou do direito à cidade, abordando a fome, o trabalho, a habitação, a segurança e as políticas públicas. O segundo tratou a família, os papéis de gênero, a identidade da mulher negra, o trabalho, a violência de gênero e as políticas públicas pensadas para estes recortes sociais. O terceiro abordou dinâmicas espaciais como a questão rural x urbana, a questão agrária e as políticas que vigoraram no pós-abolição. O quarto e

²³ PROPOSTAS E MATERIAIS DIDÁTICOS PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO é o projeto coordenado pela professora Dr^a Ana Claudia Ramos Sacramento no período de entre 2022 e 2026 com o objetivo de construir propostas e materiais didáticos para os professores de Geografia das redes estaduais, municipais e privadas de Angra dos Reis, Campos de Goitacazes, Niterói, São Gonçalo, Seropédica e Silva Jardim do estado do Rio de Janeiro.

último, a partir de uma perspectiva da geohistória, traçou paralelos entre a obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e o *Diário de Bitita*. Como resultado tivemos quatro blocos de aulas em que os conteúdos geográficos surgiam da experiência de Carolina com o mundo. Para o geógrafo Yi Fu Tuan *a literatura nos mostra como as pessoas experienciam seu mundo*. (TUAN, 1978). Trabalhar Carolina de Jesus nos permitiu experimentar e compreender a Geografia de uma maneira mais envolvente e contextualizada, conectando o estudo dos espaços com as narrativas e as experiências humanas que muitas vezes são vivenciadas também por nós. Concluímos a atividade nas turmas de Ensino Médio entendendo que análise geográfica de *Diário de Bitita* revelou a importância de pesarmos a dinâmica dos corpos no espaço geográfico e seus distintos espaços de ocupação e vivências. Tais temáticas compunham a escrita de denúncia de Carolina sobre sua existência enquanto mulher, negra e pobre. A proposta didática desenvolvida explorou a intersecção entre geografia e literatura para além da descrição geográfica, revelando que elementos na narrativa podem qualificar a experiências das pessoas com o mundo. A proposta pedagógica serviu também para analisar o contexto de produção e recepção de *Diário de Bitita* e entender como a sociedade recebeu a escrita de Carolina e a silenciou.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

A linguista Vera Lucia Paiva (UFMG), ao definir a narrativa e a pesquisa narrativa (PAIVA, 2008) menciona que para Todorov (1979), uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. E que disso resulta um estado de desequilíbrio e que pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro,

mas os dois nunca são idênticos. Paiva adverte narrativas mostram as instabilidades, as mudanças e os novos equilíbrios sempre diferentes dos estados iniciais.

Concluo esta narrativa, incompleta e falha, assumindo o risco de quem opta por recapitular memórias passadas como uma forma de entender minha própria experiência sobre as abordagens metodológicas e os caminhos epistemológicos para pensar uma geografia literária. A relação entre Geografia e Literatura se complexificou no modo como a Geografia lê um romance, uma poesia, um conto ou crônica. As especificidades das obras e a interseccionalidade de nossas abordagens mais recentes permitem caminhos epistemológicos híbridos.

Há três edições venho compondo a coordenação do GT Geografia e Literatura no Enanpege em parceria com colegas que integram a Rede Entremeio e tem sido notável a ampliação do número de trabalhos e os questionamentos críticos sobre as abordagens utilitaristas de textos literários pela Geografia. Neste ano de 2025 ingressei o Programa de Pós-graduação em Geografia na UFRRJ e ministro junto com professora Júlia Andrade, da UERJ, uma disciplina eletiva chamada Sujeitos e territorialidades literomusicais, que trata da interrelação entre Geografia, Literatura e Música. Com o crescimento dos trabalhos de pesquisa sobre geografia literária nos programas, temos percebido o aumento de ofertas de disciplinas, ainda eletivas, sobre Geografia e Literatura e, conseqüentemente, mais professores que orientam essa temática. Oxalá !

AGRADECIMENTOS

Agradeço o convite para publicar o conteúdo de minha exposição em 2023 e aos colegas parceiros dessa empreitada acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROSSEAU, M. Des romans-geographes. Paris: L'Harmattan, 1996.

_____. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. L'espace littéraire en l'absence de description: um défi pour l'interprétation géographique de la littérature. In : Cahiers De Géographie Du Quebec, volume 52, n.147, dez 2008.

COLLOT, Michel & ALVES, Ida. Rumo a uma geografia literária. Revista Gragoatá, [S. l.], v. 17, n. 33, 2012. DOI: [10.22409/gragoata.v17i33.33006](https://doi.org/10.22409/gragoata.v17i33.33006). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006>. Acesso em: 5 out. 2025.

CLAVAL, Paul. Lieux de memoire. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 89–106, 2012. DOI: 10.12957/espacoecultura.2005.3495. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3495>. Acesso em: 4 out. 2025.

CLAVAL, Paul. La geographie culturelle. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 3, p. 48, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.1997.6711. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6711>. Acesso em: 4 out. 2025.

CLAVAL, Paul. Reflexões sobre a geografia cultural no brasil. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 8, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.1999.7091. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7091>. Acesso em: 4 out. 2025.

GOMES, Paulo César da Costa. “Versalhes não tem banheiros!” As vocações da geografia cultural. IN: ESPAÇO E CULTURA, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 41–49, 2012. DOI: 10.12957/espacoecultura.2005.3490. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3490>. Acesso em: 4 out. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1993.